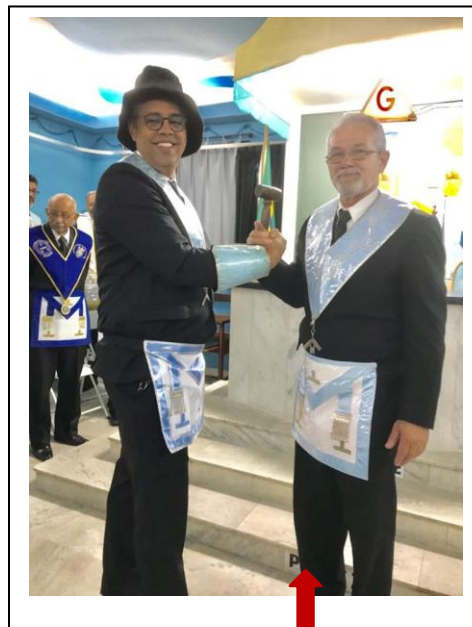


## *Relembrando alguns momentos da Administração 2019-2020*

Aqui tudo começou: O Ir.: Alexander recebe  
O diploma de Mestre Instalado



O Ir.: Alexander recebe o malhete do Ir.: Araguay



Feijoada Beneficente



Exaltação

## Artigo do Mês

### SÍNTESE DA HISTÓRIA DA MAÇONARIA

Nelson de Souza Lima, M.:I.:

#### I – INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa dar ao recém-iniciado na Maçonaria uma noção sintética da sua origem. e tem por objetivo minimizar este pequeno hiato.

Lembramos ao recém-iniciado que este trabalho não pretende, em hipótese alguma, esgotar o assunto, e sim mostrar um caminho que o novo aprendiz possa se aprofundar, se assim o desejar, nos grandes ensinamentos deste complexo conjunto de ciências humanas e exatas que é a Maçonaria contemporânea.

#### II – SUA ORIGEM

Podemos fixar como data básica da Maçonaria Moderna, o ano de 1717, quando a 24 de junho, foi fundada a primeira Obediência Maçônica do mundo, a **Grande Loja de Londres**.

Entretanto, essa forma moderna de Maçonaria, a dos Maçons Aceitos, não ligados à arte de construir, ou ainda Maçonaria Especulativa, foi precedida por organizações profissionais de construtores, hoje historicamente rotulados de Maçonaria de Ofício ou Maçonaria Operativa, que durante um longo período existiram principalmente na Europa.

A primeira associação organizada de construtores surgiu em Roma, no Século VI a.C., em decorrência das grandes conquistas romanas da época, pois as Legiões de Roma, ao conquistarem povos e cidades, provocaram, diante da resistência encontrada, grandes destruições. Assim foram criados os **Collegia Fraborum**, pelo rei Numa Pompílio, cujos membros costumavam acompanhar os legionários, para irem reconstruindo o que fosse sendo destruído pela atividade bélica. Dotada de forte caráter religioso, essa associação dava, ao trabalho, o cunho sagrado de um culto às divindades. A princípio politeísta, tornou-se com a expansão do cristianismo, monoteísta, entrando em decadência após a queda do Império Romano do Ocidente, ocorrido em 476 d.C., embora persistissem pequenos grupos no Império Romano do Oriente, centrado em Constantinopla.

Já em plena Idade Média é que iria florescer a hoje chamada **Maçonaria Operativa**,

para a preservação da Arte Real entre os mestres construtores da Europa. Assim sucedendo os *Collegiati*, surgiram no Século VII, as **Associações Monásticas**, formadas, exclusivamente, por clérigos e que durante muito tempo, iriam dominar os segredos da arte de construir, que ficou restrita aos conventos.

Posteriormente, movidos pela necessidade de expansão, os frades construtores começaram a preparar e adestrar leigos, proporcionando, no Século XI, a organização das **Confrarias Leigas**, as quais, embora formadas por mestres leigos, sofriam, evidentemente forte influência do clero, do qual haviam aprendido a arte de construir e o cunho religioso dado ao trabalho.

Quase na mesma época, surgiram associações simplesmente religiosas, as quais, a partir do século XII, começaram a formar corpos profissionais – **as GUILDAS** - às quais se deve o uso da palavra **LOJA**, para designar uma corporação maçônica. No século XIII é que surgiria a associação considerada a mais importante desse período operativo: **os Ofícios Francos (ou a Francomaçonomia)** formados por artesão privilegiados com liberdade de locomoção e isentos das obrigações e impostos reais, feudais e eclesiásticos. Na Idade Média a palavra “Franco” designava não só o que era livre, em oposição ao que era servil, como também todos os indivíduos ou todos os bens que escapavam às servidões e direitos senhoriais. Evidentemente, tais obreiros tinham esses privilégios concedidos pela Igreja, o maior poder político da época.

Neste mesmo tempo começava, também, a florescer o **Compagnonnage** (Companheirismo), que nada tem a haver com o grau de Companheiro Maçom, criados pelos Templários. A Ordem dos Templários, criada em 1118, logo adquiriu grande prestígio e riqueza e viria a excitar a cobiça do rei francês Felipe IV, o Belo, o qual com a conivência da Papa Clemente V, conseguiu a sua extinção, em 1312, apoderando-se, então de todos os seus bens. Antes dessa extinção, organizaram o Compagnonnage, de acordo com a sua própria filosofia, dando-lhe um regulamento chamado Santo Dever. Os membros da organização vestiam-se de branco, não portavam armas e construíam no Oriente Médio, formidáveis

cidadelas, adquirindo certo número de métodos de trabalhos herdados da antiguidade e constituindo, durante as cruzadas, verdadeiras oficinas itinerantes, para a construção de obras de defesa militar, pontes e santuários. Retornando à Europa eles tiveram a oportunidade de exercer o seu ofício construindo catedrais, igrejas, obras públicas e monumentos civis.

Todas essas organizações serviam de base para a moderna Maçonaria e, embora alguns autores não aceitem a influência do Compagnonnage, ela, na realidade existiu, pois se encontram na Maçonaria Inglesa, provas dos Ritos Iniciáticos e até emblemas muito precisos, que não são apenas os das antigas companhias de artesãos, mas também podem ser encontrados nas paredes de muitas tumbas de arquitetos do antigo Egito, as quais, representam verdadeiros manuais de iniciação profissional. Tudo leva à conclusão que os Ritos, emblemas, símbolos e processos de trabalho só podem ter sido levados àquele período medieval pelo Compagnonnage, chegando até a Maçonaria atual, mostrando, assim, a grande influência da organização, inclusive sobre as demais corporações de ofício.

Essa hoje chamada de Maçonaria de Ofício, ou Operativa, foi o germe da Maçonaria dos Aceitos, ou Especulativa, cujos membros não são, necessariamente, construtores por profissão, mas sim construtores sociais cuja tarefa primordial é o aperfeiçoamento material, moral e intelectual do Homem.

Essa transformação ocorreu paulatinamente, no Século XVI, quando, com a progressiva decadência das Corporações de Ofício, estas começaram a aceitar elementos estranhos à arte de construir, admitindo, inicialmente, filósofos, hermetistas e alquimistas, cuja linguagem simbólica assemelhava-se à dos francmaçons. Um caso famoso de “Aceitação”, entre outros, foi o do alquimista *Elias Ashmole*, que não sendo aparentemente um Maçom Operativo, foi feito “Freemason”, em Warrington, no Lancashire, a 16 de outubro de 1646, o que leva a crer que, na época, as lojas operativas da Escócia já admitiam muitos “Aceitos” como membros de seus Quadros. Este Elias Ashmole, que segundo seu próprio diário, só voltaria em uma Loja em 1682 – 36 anos após

a sua iniciação – quando foi aceito em Londres. Não se registrando mais nenhuma participação sua, tem sido objeto de mistificação, por parte de alguns autores, que defendem uma importância maçônica que ele não teve, atribuindo-lhe, inclusive, a confecção dos rituais de Aprendiz, Companheiro e Mestre, o que é uma inverdade histórica, pois o Grau de Mestre nem existia nesta época.

Essa transformação termina no Século XVIII (no início do século os Aceitos já eram maioria) sendo considerado como marco da Maçonaria Moderna, a dos Aceitos, a fundação da Grande Loja de Londres, a primeira do sistema obediencial, já que, antes disso, as Lojas eram livres.

Os obreiros das Lojas, nesta época, reuniam-se nas tabernas, ou nos Quadros das Igrejas, pois não existiam Templos Maçônicos, já que o primeiro, o da Grande Loja de Londres foi inaugurado em 1776. Assim as Lojas tiveram seus títulos distintivos dos nomes das tabernas ou igrejas.

A Loja principal, neste movimento de verdadeira revolução na Maçonaria foi a **Loja de São Paulo** – alusão à igreja de São Paulo onde se reunia – ou Loja da taberna “**O Ganso e a Grelha**” a qual junto com outras três, a Loja da “**Cervejaria da Coroa**”, a Loja da taberna “**A Macieira**” e a Loja da taberna “**O Copázio e as Uvas**” fundaram a Grande Loja de Londres, a 24 de junho de 1717. Em 1723, a Grande Loja de Londres publicava uma compilação das antigas obrigações e leis da maçonaria a qual foi feita pelo pastor **James Anderson**, por isso passando à história como as **Constituições de Anderson**, embora tenha contado com a participação de outros grandes maçons, como **George Payne** e **Theophile Désaguliers**, líderes do movimento. As Constituições de Anderson, extraída a parte fantasista do capítulo histórico, viriam a constituir no instrumento jurídico da moderna Maçonaria.

Essa primeira Grande Loja, que inaugurou o sistema obediencial, não contava com o apoio de todos os maçons ingleses e até pelo contrário, sofria críticas e ataques da maioria deles. Os que lhes eram contrário continuaram a pautar as suas atividades pelos antigos costumes das corporações, permanecendo nas Lojas Livres. E para melhor se distinguirem dos membros da

Grande Loja, adotaram o título de Maçons Antigos e Aceitos, dando aos outros a denominação de Modernos. O que os “Antigos” censuravam nos “Modernos” era a descristianização dos rituais e a omissão das orações e das comemorações dos dias santos – prática da maçonaria Operativa que florescera à sombra da Igreja – não observando, portanto, os mandamentos da Santa Igreja (que no caso era a Anglicana).

Para poder combater as ideias da Grande Loja de Londres com as mesmas armas, as lojas “antigas” que haviam permanecido livres resolveram, em 1753, fundar a **Grande Loja dos Antigos Maçons**, cujo o centro era da **Loja de York** e cuja a mais ativa personalidade era o Irlandês **Laurence Dermont** que, em 1756, publicou a constituição da Grande Loja, sob o título de “**Ahiman Rezon**”. O cisma entre os “Antigos” e “Modernos” durou até 1813, quando as duas Grandes Lojas uniram-se formando a **Grande Loja Unida da Inglaterra**.

O certo é que depois da fundação da primeira Obediência, em 1717, o sistema obediencial propagou-se, atingindo todo o mundo maçônico, iniciando a era da moderna Maçonaria, ou Maçonaria dos Aceitos, ou ainda Maçonaria Especulativa, embora este último termo seja contestado por alguns autores, pois especulativo é o mesmo que teórico ou relativo a investigação teórica. E como as corporações medievais de ofício eram impregnadas de religiosidade e como o estudo das religiões é altamente especulativo, elas já tinham, portanto, além da atividade prática, inerente ao ofício, também uma atividade especulativa. Querer reduzir a Moderna Maçonaria a uma simples investigadora teórica, em contraposição à atividade prática dos operativos, é negar-lhe qualquer ação verdadeira e qualquer sentido pragmático, tornando-a como entidade meramente contemplativa, o que não reflete a realidade.

### **III – OS PRIMÓDIOS DA MAÇONARIA NO BRASIL**

Embora a primeira loja maçônica brasileira tenha surgido na Bahia, em 1797, com o nome de **Loja Cavaleiro da Luz**, a primeira loja regular do Brasil foi a “**Reunião**” fundada em 1801, no

Rio de Janeiro, movida pela liturgia e com fins políticos-sociais.

Esta Loja era filiada ao G.: Or.: da Ilha de França, representado pelo Cavaleiro Laurent, que presidia à sua Instalação. Dois anos depois, o G.: Or.: Lusitano desejando propagar no Brasil, a verdadeira doutrina maçônica, nomeou, para esse fim três delegados, com plenos poderes para criar Lojas regulares no Rio de Janeiro, filiadas àquele G.: Or.:. Criaram, então as Lojas “**Constância**” e “**Filantropia**”, as quais juntamente com a “**Reunião**” serviam de centro comum para todos os maçons existentes no Rio de Janeiro, regulares e irregulares, tratando de iniciar outros, até o Grau de Mestre.

Essas foram as primeiras Lojas oficiais e consideradas regulares, pois já existiam anteriormente, agrupamentos secretos, em moldes mais ou menos maçônicos, funcionando como clubes, ou academias, mas que não eram Lojas. É o caso, por exemplo, do famoso **Areópago de Itambé** fundado por Arruda Câmara, em 1796, na raia das províncias de Pernambuco e Paraíba.

O Areópago de Itambé, embora considerado o marco inicial das organizações maçônicas no Brasil, não era uma verdadeira Loja, tanto que o Padre João Ribeiro, que pertencera a ele, teve que ser iniciado em Lisboa, o que evidentemente, leva a crer que, na época não existia Loja regular naquela região. O mesmo acontece com a Academia Suassuna, também de Pernambuco e fundada, provavelmente, em 1802.

Existem, todavia, autores que aproveitando um período nebuloso e de total falta de registros históricos, falam da existência de Lojas principalmente na Bahia, nos meados do Século XVIII, o que por falta de qualquer prova documental, é uma afirmação tão temerária quanto aquela dos que apontamos conjurados mineiros como Maçons, sem que haja qualquer apoio histórico documental para tal afirmação.

Depois da fundação das três primeiras lojas “Oficiais”, espalharam-se, nos primeiros anos do Século XIX, Lojas nas províncias da Bahia, de Pernambuco, e do Rio de Janeiro, livres ou sob os auspícios do Grande Oriente Lusitano e do da França.

Em 1815, é fundada a Loja “**Comercio e Arte**” que se conservara independente, adiando sua filiação ao G.:Or.: Lusitano, porque os seus membros pretendiam criar uma Obediência brasileira, já desde a instalação da Loja.

Após o fracasso da Revolução Pernambucana de 1817 e a expedição do alvará de 30 de março de 1818, que proibia o funcionamento das sociedades secretas, as lojas resolveram cessar os seus trabalhos, até que pudessem ser reabertas sem perigo. Os maçons, todavia, continuaram a trabalhar secretamente.

Em 1821, alguns acontecimentos fariam com que a maçonaria brasileira voltasse à atividade. O primeiro desses acontecimentos foi a sedição das tropas que impunham ao rei D. João VI o juramento à Constituição portuguesa, a 26 de fevereiro, o que provocou o início de intensa conspiração dos brasileiros, entre os quais muitos maçons, visando a independência do Brasil. Os acontecimentos seguintes foram os de 20 e 21 de abril, quando houve a sedição dos eleitores, exigindo a permanência do rei no país, o que provocou a pronta reação das tropas portuguesas, que garantiram o embarque da família real. Esses fatos atraíram a atenção policial contra os maçons, o que não impediu, todavia, que a Loja “**Comercio e Arte**” voltasse a trabalhar secretamente, reerguendo as suas Colunas a 24 de junho de 1821. Foi tão grande o número de adesões nos meses subsequentes, que logo se pensou criar uma obediência nacional, o que aconteceria a 17 de junho de 1822, com a subsequente divisão da “**Comercio e Arte**”, em Loja “**Esperança de Niterói**” e “**União e Tranqüilidade**”, formando o trio de Lojas fundadoras do **Grande Oriente do Brasil**, tendo como seu primeiro Grão-Mestre José Bonifácio de Andrade e Silva.

O G.: Or.: do Brasil, desde o início de sua história, registrou diversas dissidências e cisões, a maior delas de caráter nacional e que foram efêmeras terminando em reunificação e em trabalho sob uma bandeira. No decorrer do tempo, entretanto, se registraram duas grandes dissidências, as quais redundaram na criação de obediências regionais autônomas, que, exatamente por isso sobrevivem e florescem.

Assim em 1927, surgiram as Grandes Lojas Estaduais brasileiras e em 1973, os GG.:OOr.: Estaduais, designados como autônomos e Independentes.

Estruturados sob os princípios normativos e consuetudinários da Maçonaria Universal, tais obediências autônomas merecem o respeito de todos os maçons, assim como merece respeito o G.: Or.: do Brasil que lhes deu origem.

O que importa, nesse caso, é a união de todos os Maçons sob uma só bandeira, não necessariamente de uma obediência, mas da Ordem Maçônica, instituição que merece o trabalho desinteressado dos homens dignos e justos.

#### IV – CONCLUSÃO

A Maçonaria Moderna, a dos Aceitos, ou ainda Especulativa inicia uma nova fase da antiga Arte Real, e lança mão dos antigos símbolos operativos e cria para usá-los na tarefa de construir ainda um Templo, mas não mais o templo físico e sim o Templo do Homem. Todo o simbolismo dos construtores de edifícios sofre uma mudança de referencial e passa a servir à Ordem para a construção do Homem Integral, aquele que em se conhecendo se modificará para melhor, e que se elevando, modificará o mundo ao seu redor até que pelo exemplo multiplicador de suas qualidades, será o promotor do advento de uma humanidade melhor e mais esclarecida.

Todos estes fatores proporcionaram o grande crescimento quantitativo e qualitativo da moderna Maçonaria, o que fez com ela fosse colocada na vanguarda, não só do renascimento cultural e científico, mas, também, das lutas das grandes reformas sociais, através de sua efetiva participação no movimento de libertação humana, de sua presença nos conflitos de idéias e de sua decisiva intervenção na solução dos grandes problemas internacionais. Não sendo órgão de nenhum partido político ou agrupamento social, ela afirmou o seu propósito de estudar e impulsionar todos os problemas referentes à vida humana com a finalidade de assegurar a paz, a justiça e a fraternidade entre todos os homens, sem distinção de raça, cor, religião ou nacionalidade. ♣

# 8 de maio Tem Quatro Novos Filhos



O V.:M.: Alexander, com seus novos pupilos

